

PESQUISAS EM ANDAMENTO

Neste número especial sobre Alfabetização, **EDUCAÇÃO EM REVISITA** apresenta, em lugar de "pesquisas em andamento", uma síntese de aspectos quantitativos e metodológicos da produção brasileira de pesquisas sobre alfabetização, nas últimas décadas.

• PESQUISAS SOBRE ALFABETIZAÇÃO

A PRODUÇÃO BRASILEIRA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS *

MAGDA BECKER SOARES

ASPECTOS QUANTITATIVOS

Pesquisa sobre o estado do conhecimento a respeito da alfabetização, no Brasil, no período 1950-1986 (SOARES, 1986), revelou que, do total de 230 textos de produção acadêmica e científica sobre alfabetização (artigos de periódicos, dissertações e teses), classificados em três gêneros - pesquisa, ensaio e relato de experiência - mais de metade constitui-se de pesquisas. Entretanto, é interessante notar que, quase inexistente nos anos 50, a pesquisa sobre alfabetização começa a crescer na década de 60 e é só nos anos 70 e 80 que ela passa a constituir mais de metade da produção acadêmica e científica sobre alfabetização.

Esse crescimento da pesquisa sobre alfabetização nas décadas de 70 e 80 é, sem dúvida, conseqüência do desenvolvimento científico e acadêmico da área da Educação no País, desenvolvimento provocado, sobretudo, pelos cursos de

Pós-Graduação, criados a partir do final da década de 60. Na verdade, três quartos das pesquisas sobre alfabetização, no período 1950-1986, apresentaram-se sob a forma de dissertações e teses, e apenas um quarto sob a forma de artigos de periódicos.

É importante ressaltar, porém, que, apesar de seu crescimento, ao longo do tempo, não se pode considerar satisfatória a produção de pesquisas sobre alfabetização, no Brasil, se se toma como representativo dessa produção o número de pesquisas apresentadas em artigos, dissertações e teses: foram 124 pesquisas, em quase 4 décadas (uma média de 3 a 4 pesquisas por ano) o que constitui, sem dúvida, uma produção muito pequena. Alguns exemplos podem ser tomados como parâmetros, para que se possa avaliar como são pequenos esses números. Em 1978, Robert Rosenthal publica, juntamente com Donald B. Rubin, artigo analisando as 345 pesquisas publicadas sobre os "efeitos da expectativa interpessoal", que ele tinha identificado apenas dez anos antes (ROSENTHAL & RUBIN, 1978): em uma década, publicou-se, pois, um número muito maior de pesquisas sobre esse tema (relevante, mas restrito) que o que se publicou, no Brasil, em quase quatro décadas, sobre o grave e complexo problema da alfabetização. Outro exemplo: recentemente, publicou-se, na América do Norte, um **Summary of Investigations Relating to Reading** (WEINTRAUB, 1989) que apresenta índice analítico de cerca de 800 pesquisas sobre leitura, no período de apenas um ano (julho de 1988 a junho de 1989). Esses dados permitem avaliar quão ínfima é a produção brasileira de pesquisas sobre o ensino/aprendizagem da língua escrita, produção que não corresponde à gravidade do problema da alfabetização no

País e, conseqüentemente, à necessidade de investigações que busquem esclarecer o processo de aquisição da língua escrita, pela criança, e explicar o fracasso em alfabetizar, da escola brasileira.

^ METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS

As pesquisas sobre alfabetização identificadas na produção científica brasileira, no período 1950-1986 (SOARES, 1989), podem ser divididas em dois grandes grupos: pesquisas de **intervenção** e pesquisas de **descrição**, ou de **verificação**. O que diferencia os dois grupos é que o primeiro reúne investigações em que o pesquisador **intervém** no processo de alfabetização, introduzindo um ou mais elementos novos, ou variáveis, enquanto o segundo engloba pesquisas em que o processo de alfabetização ou algum de seus aspectos é **descrito**, sem que o pesquisador pretenda ou tente alterá-los.

No grupo de **pesquisas de intervenção**, identificaram-se dois tipos: pesquisas experimentais e pesquisas-ação. No grupo de pesquisas de **descrição**, ou de **verificação**, identificaram-se sete tipos: surveys, estudos de caso, estudos comparativo-causais, estudos longitudinais, estudos transversais, pesquisas históricas, análises de conteúdo. Alguns desses tipos são muito frequentes na produção, outros são representados por um pequeno número de pesquisas.

No conjunto, predominam as pesquisas de paradigma positivista e quantitativo: **estudos comparativo-causais**, **pesquisas experimentais** e **surveys** representam, somados, mais de metade das pesquisas sobre alfabetização, na produção científica brasileira, no período considerado.

* O texto é uma síntese, resumida e modificada, de parte de artigo publicado pela autora, ao qual se remete o leitor que deseje informações e análise mais amplas sobre a questão da pesquisa em alfabetização, no Brasil: SOARES, 1990.

Entretanto, embora os estudos comparativo-causais e as pesquisas experimentais continuem predominantes nos anos 80, é nesse momento que os tipos de pesquisa se multiplicam. É particularmente significativo que o estudo de caso só apareça nos anos 80, e que apareça razoavelmente representado, entre as pesquisas desse período (quase um quarto da produção); certamente, esse tipo de pesquisa surgiu como alternativa de investigação no quadro das novas perspectivas para a análise do processo de alfabetização trazidas por referenciais teóricos de forte presença nos anos 80 (sobretudo a Psicologia Genética), que rejeitam paradigmas de tendência positivista e quantitativa. Também a pesquisa-ação só aparece nos anos 80, mas, ao contrário do estudo de caso, aparece minimamente representada: a grande receptividade que esse tipo de pesquisa teve, nos últimos anos, no Brasil, como uma das alternativas ao paradigma positivista, na pesquisa educacional, não se revelou significativamente na pesquisa sobre alfabetização.

Pesquisas que procuram identificar a progressão da aprendizagem, na aquisição da língua escrita (estudos longitudinais e estudos transversais), são muito poucas; considerando que al-

fabetização é, essencialmente, um processo, cuja evolução ainda é pouco conhecida, seria fundamental um desenvolvimento mais intenso de pesquisas desse tipo.

O mesmo se pode dizer da pesquisa histórica em alfabetização, quase inexistente: apenas uma pesquisa se caracteriza como pesquisa desse tipo, na produção científica sobre alfabetização; entretanto, é inegável a importância de investigar o processo de construção, ao longo do tempo, do saber sobre alfabetização e do fazer alfabetização, no Brasil, desvendando as relações entre esse saber e esse fazer e o contexto econômico, político e social, em cada momento histórico.

CONCLUSÃO

A análise da produção científica sobre alfabetização, no Brasil, nas últimas quatro décadas, revela que a pesquisa nessa área é quantitativamente pouco significativa, e apresenta lacunas metodológicas: alternativas de investigação que, embora promissoras, ainda são pouco utilizadas na pesquisa sobre alfabetização (como as pesquisas longitudinais e transversais, as pesquisas históricas).

Além disso, a pouca pesquisa produzida não ultrapassa, em geral, os limites da área acadêmica; é que, como se disse anteriormente, três quartos delas estão relatadas em dissertações e teses e, se se consideram a quase nenhuma circulação desses trabalhos acadêmicos e sua precária divulgação, pode-se concluir que, além de pouco numerosas, as pesquisas em alfabetização têm sido pouco socializadas, o que permite supor que tem sido pequena sua contribuição na luta contra o reiterado fracasso da escola brasileira em alfabetizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ROSENTHAL, R., RUBIN, D. B. Interpersonal expectancy effects: the first 345 studies. *The Behavioral and Brain sciences*. Cambridge, n.3, p. 377-415, 1978.
- SOARES, M. B. *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*. Brasília: REDUC/INEP, 1989.
- A pesquisa sobre alfabetização no Brasil. *Revista de Educação AEC*, Brasília, v. 19, n. 76, p. 12-21, jul./set. 1990.
- WEINTRAUB, S. *Summary of investigations relating to reading: July 1, 1988 to June 30, 1989*. Newark, DE: International Reading Association, 1990. (Ver referência na seção Resenhas)